O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2009 - ANO XII - Nº 150

EDITORIAL

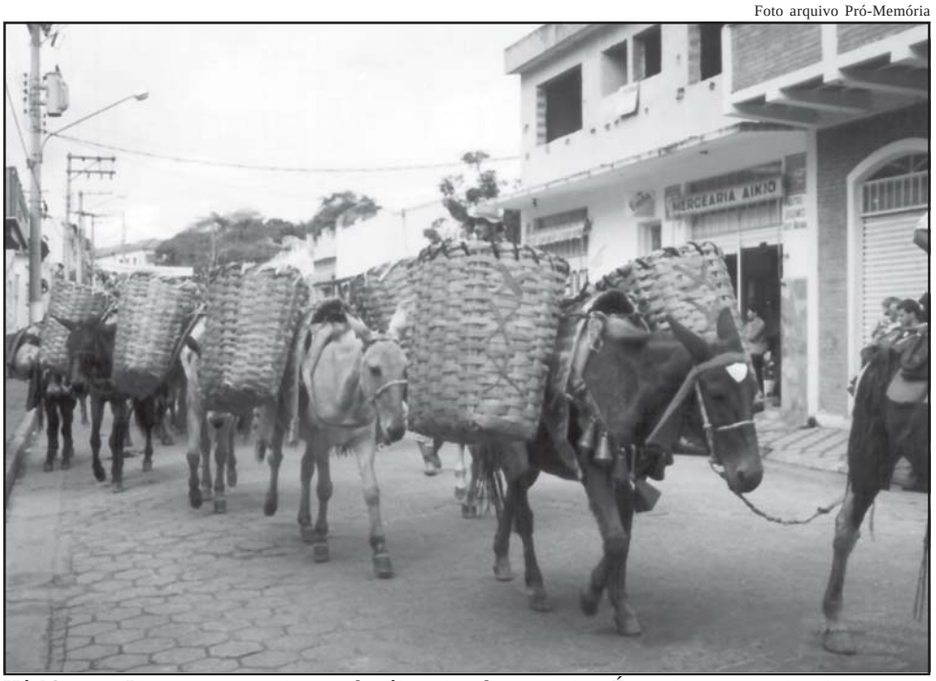
A cada fim de semana, revistas de circulação periódica trazem, estampados como manchete, escândalos envolvendo políticos. Jornais e canais de TV também noticiam. Viraram rotina esses descalabros.

Já vem de longe a descrença e o desgaste da classe política, que precisa ser depurada. Ladroagem, tráfico de influência, desvio de dinheiro público, falsas declarações sobre gastos com campanhas, negociatas de cargos, nepotismo, superfaturamento de obras, propaganda enganosa... assim segue a lista. Cinismo e hipocrisia são o que vemos associados aos nossos representantes. Assim, personagens tidos como "ilustres" sujam as mãos. Esquecem a ética e se atolam num lamaçal da imoralidade.

A crise por que passa a classe política no Brasil ocorre em todos os níveis de governo. Das pequenas às grandes cidades. Dos menores aos mais altos escalões da República. Essa grave situação merece análise e reflexão por parte da população. O toma-lá-da-cá, os favores pessoais, as propinas e todo tipo de corrupção precisam ser denunciados, apurados e exemplarmente punidos.

Os cidadãos idôneos vêm acompanhando, com tristeza, o país ser referência mundial de corrupção. Esta corrói a democracia afastando o cidadão comum da esfera pública, formando uma crescente apatia e indiferença em relação à política. Enquanto a rapinagem e os desvios acontecem, deixa-se de investir em educação de qualidade, em saneamento básico, em saúde, em estradas etc. É preciso dar um basta à impunidade. Corrigir esses desvios parece ser tarefa impossível. Mas não é. Precisamos fortalecer nossas instituições e acreditar na justiça e nos poucos políticos honestos comprometidos com a causa pública. É preciso passar o país a limpo. A vigilância exercida pela mídia é fundamental para o controle da cor-rupção. É hora de se acabar com a delinquência dos homens públicos, em prol da democracia e do cidadão de bem.

Foto arquivo Pró-Memória



Há 28 anos, Piquete reverencia esse herói nacional, o tropeiro. É preciso que o triopeirismo seja valorizado, resgatado e divulgado nas escolas. A cultura tropeira faz parte de Piquete. Está em nossas raízes. A cidade surgiu e desenvolveu-se com os tropeiros, sonorizada pelos cincerros das mulas.

O direito à informação

Chegamos à edição de número 150 de "O Estafeta". É um marco a se comemorar. Desde fevereiro de 1997, este informativo vem mantendo sua linha editorial de compromisso com a informação e a formação cultural de nossa comunidade. Seus articulistas trazem à leitura, mensalmente, temas voltados para a construção de valores humanos, o refinamento intelectual, o entretenimento sadio e a evolução espiritual. "O Estafeta" é uns dos poucos informativos no Vale do Paraíba voltados para a cultura, o meio ambiente e a cidadania. A cada número, exemplos de vida e dedicação à sociedade são apresentados para se demonstrar a importância de personagens atuantes numa sociedade. Não é fácil mantê-lo, de maneira ininterrupta, com a mesma qualidade editorial. Seus diversos textos dialogam com os leitores buscando instrumentalizá-los com informações de diversas áreas do conhecimento e desenvolver uma consciência crítica. O direito à informação é um dos alicerces do Estado Democrático de Direito e ferramenta indispensável à consolidação da cidadania. Não se pode falar em democracia participativa se aqueles que deveriam participar no dia-a-dia das cidades não têm informações necessárias para o fazer. Os mecanismos para a efetiva participação dos cidadãos na construção de uma nova sociedade só serão eficazes se os envolvidos no processo tiverem acesso a essas informações, que são de interesse da coletividade. Daí o compromisso de "O Estafeta" com a formação de cidadãos.

É difícil manter um órgão de informação nas pequenas cidades. Dificuldades de diversas ordens concorrem para que ele deixe de circular. No entanto, é primordial que a informação chegue às pessoas. A mídia é um importante formador de opinião. Ela contribui se for independente e estiver em sintonia com os interesses da comunidade. Para tanto, deve buscar qualidade nos textos, cumprindo importante papel social, divulgando informações que sensibilizem a comunidade, promovendo a reflexão e o engajamento nos diferentes setores da vida social.

Muitas vezes, o que lemos nos jornais e revistas representa a opinião dos proprietários desses meios de comunicação ou de quem os mantém. Os assuntos são tratados de acordo com seus interesses. Nesses casos, raramente a comunidade é levada em consideração. Daí a preocupação de "O Estafeta" com a imparcialidade, a verdade, a história, a literatura, a educação, o meio ambiente... Linha mestra seguida nestas 150 edições.

Imagem - Memória

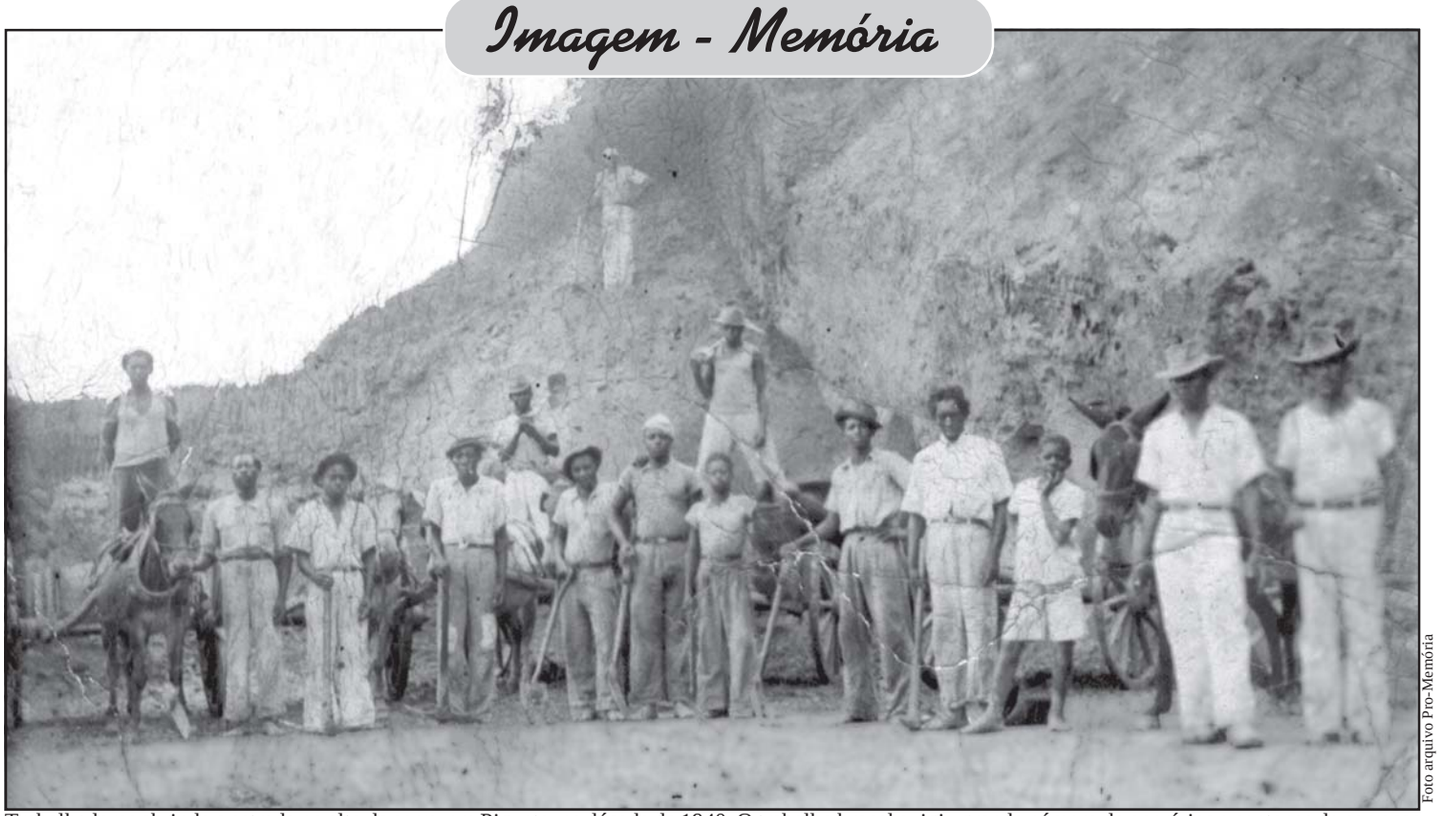


Foto arquivo Pro-Memória

Trabalhadores abrindo a estrada no alto da serra, em Piquete, na década de 1940. O trabalho braçal exigiu grande número de operários e centenas de carroças puxadas por mulas.

A estrada da serra de Itajubá

Este é um dos nomes com que era conhecido o antigo Caminho de Minas, aberto no século 18 para abastecer com produtos valeparaibanos o arraial serrano de Soledade de Itajubá, hoje Delfim Moreira. Esse caminho de terra foi, com o passar dos anos, ganhando movimento e sendo pisoteado cada vez mais por tropas de mulas em busca de mercados do Vale do Paraíba. Era um prolongamento da Estrada de Paraty para a província de Minas. Alguns trechos de serra estavam sempre críticos colocando em risco homens e animais que se aventuravam a transpor as escarpas mantiqueiras. Às margens desse caminho, no sopé da serra, foram construídas casas, plantadas roças, levantados ranchos, cercados pastos para tropeiros, movimento que deu origem a Piquete.

Com a chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808, grande parte dos produtos do sul de Minas passou a escoar por essa estrada em busca de novos mercados e da Corte. Esse caminho era de tal importância, que consta dos arquivos do Estado de São Paulo que por ele passaram, na década de 60 do século 19, mais de 20 mil animais de carga. Traziam toucinho, queijo, milho, feijão, além de gado e porcos para alimentar uma população cada vez maior no Rio de Janeiro. As condições dessa estrada sempre foram precárias. Perigosa, ameaçava tropeiros e viajantes, devido às pirambeiras e desmoronamentos, especialmente no período das chuvas, quando ficavam intransitáveis.

Em dezembro de 1868, a população de Piquete recebeu, com espanto e curiosidade, a notícia de que a filha do Imperador Pedro II, a Princesa Isabel, e seu marido, o Conde D'Eu, desceriam a serra de Itajubá, passando pelo Piquete, vindos de Campanha, em direção a Aparecida. A Câmara de Lorena, responsável pela manutenção dessa estrada, correu para fazer alguma melhoria. Essa Câmara recebia, com frequência, protestos e reclamos por parte de tropeiros e viajantes, que se queixavam das condições da estrada. Quando intransitável, os tropeiros buscavam outros caminhos e praças, para desespero dos comerciantes de Lorena. Nessas ocasiões, a Câmara pedia recursos ao governo da Província de São Paulo, que socorria com valores suficientes para obras emergenciais, mas não eficazes. Dessa forma, nas próximas chuvas, era a mesma ladainha.

Com a emancipação de Piquete, em 1891, a responsabilidade pela estrada passou à Vila Vieira. No início da década de 1920, os problemas pioraram com a circulação dos primeiros veículos motorizados. As condições tornaram-se ainda mais precárias. Era uma aventura transpor a Mantiqueira de automóvel. Mesmo com correntes nas rodas, no período das chuvas os carros patinavam, derrapavam, atolavam. Por vezes, era necessária uma junta de bois para arrancá-los do lamaçal. Apesar das dificuldades, o trânsito motorizado crescia. As constantes tropas de mulas, as boiadas e porcadas deixavam a estrada ainda pior. A partir dos anos 20, os prefeitos de Lorena, Piquete e Itajubá uniram-se para buscar auxílio junto aos governos estadual e federal visando à sua pavimentação. Políticos dos dois estados se empenhavam, colocando emendas nos orçamentos com essa finalidade. A população era sempre surpreendida com notícias de que as obras na estrada em breve teriam início. Porém, por motivos diversos – na maioria das vezes políticos – elas nunca aconteciam. Em 1923, foi instalada junto à casa comercial do coronel Luiz Relvas, às margens dessa Caminho, a primeira bomba de gasolina para abastecer os veículos que transitavam pela Lorena – Itajubá. Era a Standard Oil Company of Brazil. Em 1934, num grande encontro aos pés da Serra, foram reinicidas as obras de ampliação da estrada, com a presença de autoridades de Piquete, Lorena e Itajubá. Nessa nova empreitada, outro traçado foi executado no trecho de serra, desviando a estrada, que cortava a cidade. A partir de 1950 veículos motorizados deixam de descer a serra passando pela Tabuleta. O antigo caminho de Minas ou da Serra do Itajubá, aberto no século 18, ainda assistiu, por mais alguns anos, a passagem de tropas e tropeiros. Hoje, esse trecho de uma Estrada Real encontra-se, em quase sua totalidade, tomado pelo mato. Como nos primeiros anos, necessita de reparos e revitalização. Busca-se, assim, quem sabe, novos transeuntes: turistas em busca da natureza, aventuras e história.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

João Raimundo

Nascido em Lorena, em 15 de novembro de 1921, João Raimundo é filho único de Maria Ferreira da Cunha e Joaquim Raimundo, ex-cabo músico da Banda do 5° RI. Contava três anos de idade quando sua mãe faleceu. Foi criado pelos avós paternos, Catarina Maria de Jesus e João Aleixo, e três tias, em Cachoeira Paulista. Cursou as primeiras letras numa Escola Isolada, onde, por três anos, foi aluno da professora Aurora Marques. O quarto ano foi feito no Grupo Escolar. De sua infância, recorda- se ter ido por várias vezes a Lorena visitar o pai, ocasião em que costumava acompanhar a Banda do 5° RI até a Praça Arnolfo de Azevedo, onde esta se apresentava. Lembra-se, também, de quando irrompeu a Revolução Constitucionalista, em 1932. Contava onze anos de idade e morava à margem esquerda do Paraíba, próximo do caminho que ia para Cruzeiro. Conta que nos primeiros dias do conflito houve um movimento de tropas. Os soldados ficavam longe, pros lados da serra. À noite ouviam-se tiros. Um dia o prefeito de Cachoeira, Agostinho Ramos, mandou um emissário avisar aos moradores da margem esquerda que a ponte sobre o Paraíba seria dinamitada para se impedir o avanço das tropas federais. Ele, João Raimundo, com a avó – por essa época o avô já havia falecido – foram para a cidade, e de lá para Aparecida. As tias ficaram em Cachoeira. Com o término da revolução, retornaram. Conta que havia um barqueiro que transportava os moradores de uma margem para outra do Paraíba. “Naqueles dias ficamos muito cismados. Ouviam-se tiros ao longe. Não era mole não... Finalmente tudo acabou e passei pela Revolução... Agostinho Ramos era um homem bom, trabalhador... Levantou a cidade”.

Com quinze anos, João Raimundo passou a trabalhar na venda de um tio. Passado algum tempo, arrumou emprego de ajudante de pedreiro. Com vinte e três anos, sabendo que a Fábrica Presidente Vargas estava com muitas obras, e contratando trabalhadores, embarcou no “trenzinho dos operários”, em Lorena, e veio para Piquete. Por essa época, trabalhava na FPV o Sargento Antônio Junior, aparentado com um tio seu. Este o encaminhou até à secretaria da Fábrica, onde foi, de imediato, contratado. Iniciou na 4a Divisão. O mestre geral nessa ocasião era José Antônio e, dentre os encarregados de turma, recorda-se de Juca Claudino, Reginaldo e José de Campos. Por alguns anos, João Raimundo trabalhou na Sessão Comercial, e de 1965 a 1978, quando se aposentou, na 3a Divisão. Foram 35 anos de trabalho. Recorda-se de que, quando foi contratado, o Diretor da FPV era o Coronel Aquino – “homem calmo, educado, cumprimentava a todos. Apresentava-se de maneira simples. Muito boa pessoa. Todos gostavam dele.” Recorda-se, também, do Major Monte, que era chefe da 4a Divisão.

Comunidade Metodista em frente à igreja localizada à Cel. Luiz Relvas. Sentado à direita, João Raimundo.

João Raimundo chegou a Piquete numa época de expansão da cidade com grandes obras promovidas pela Fabrica: vilas operárias, clubes sociais e hospital... “A cidade ganhou nova fisionomia...”, diz. Em 1954 casou-se com Rosa da Silva e tiveram dois filhos. O casal reside há muitos anos na rua Sete de Setembro n° 68, na Vila Célia. É membro da Igreja Metodista desde 1948. “Um dia, a convite de Teófilo Siqueira, assisti a um culto presidido pelo pastor Nélson Lacerda. Gostei e me tornei membro dessa comunidade”.

Neste ano em que se comemora o centenário da Fábrica Presidente Vargas, João Raimundo fala da importância dela para Piquete e para ele mesmo, pois foi por meio dessa empresa que ele fez muitos amigos: César Travesano, Emílio de Castro, Julião de Toledo, Juca Claudino e muitos outros. Faz questão de dizer que a Fábrica foi a grande impulsionadora da cidade: “Eram quase três mil operários.Muitos, como eu, vieram de fora em busca de oportunidade... E encontraram!”

A recomposição da mata ciliar

O processo de ocupação da região de Piquete, iniciado no final do século 18, caracterizou-se pela falta de planejamento e conseqüente destruição dos recursos naturais, particularmente as florestas. Ao longo da história, a cobertura vegetal nativa foi sendo fragmentada, cedendo espaço para as culturas de cana, café, pastagens e a instalação da cidade.

A idéia de que os recursos naturais existentes eram inesgotáveis estimulou a derrubada das matas e a ocupação desordenada de encostas e margens de rios. A região sofreu um contínuo processo de degradação, com perda da cobertura arbórea e comprometimento de seus cursos d’água. O processo de eliminação das florestas resultou num conjunto de problemas ambientais, com a extinção de várias espécies da fauna e da flora, erosão dos solos e assoreamento dos cursos d’água, com conseqüente redução do volume dos rios.

As matas ciliares não escaparam da destruição, uma vez que a cidade cresceu ao longo dos rios Piquete e Benfica, que tiveram eliminado todo tipo de vegetação ciliar, com perda da biodiversidade e comprometimento de suas águas. Na parte rural do município também não foi diferente: onde havia a mata ciliar, esta cedeu lugar para a agricultura e a pecuária, sendo que, na maioria dos casos, foi transformada apenas em área degradada, sem qualquer tipo de produção.

Com a progressiva escassez de água em todo o mundo, torna-se cada vez mais importante a necessidade da preservação e recuperação das matas ciliares. É preciso que as autoridades responsáveis pela conservação ambiental adotem uma postura rígida no sentido de preservar as florestas ciliares e que os produtores rurais e a população em geral sejam conscientizados sobre a importância da conservação dessa vegetação.

Nos últimos anos, a Fundação Christiano Rosa, por meio de ‘’O Estafeta’’, vem trazendo à discussão a problemática ambiental. Vem desenvolvendo um projeto piloto de recuperação de mata ciliar com espécies nativas. Preocupa-se, não só com a proteção dos cursos d’água, mas também com a formação de um corredor gênico, com o qual espera repovoar a região com espécies em risco de extinção.

No Estado de São Paulo existe 1 milhão de hectares de áreas ciliares que precisam ser recuperadas e reflorestadas. Para vencermos esse desafio é imperiosa a participação de todos: o Poder Publico, a iniciativa privada, as organizações não governamentais, as instituições de pesquisa e toda a sociedade, num esforço conjunto.

O futuro da humanidade depende de como manejaremos nossos recursos hídricos ao longo das próximas décadas. A recomposição de matas ciliares contribui para que tenhamos um futuro próspero, livres de muitos dos problemas que já vêm ocorrendo em outros lugares.

Memorial dos Moradores de Piquete - 27

Uma conversa com Dona Conceição. Aspectos afetuosos de história oral

Dona Conceição Maria da Silva é de uma beleza e pureza dificilmente igualáveis nos dias de hoje tão afetados pela modernidade consumista e competitiva. Ela é dos velhos tempos rurais, adaptada à vida urbana, embora vivendo na pequena cidade muito marcada pelas tradições que a originaram. Ela reside em Piquete, à rua São Miguel, 62.

Mãe de doze filhos – com quatro já falecidos –, ela orgulha-se de tê-los criado e tornado pessoas de bem, com famílias constituídas. Vinte netos e quatro bisnetos completam o quadro familiar, ao qual ela se refere com afeto e carinho. Casou-se em 1946 e esteve casada por 50 anos, após o que o marido faleceu.

Aos 82 anos, Dona Conceição gosta de lembrar os tempos da infância e juventude desfrutados com a família em Venceslau Brás (MG). Família numerosa com cinco irmãos, unida em todas as atividades do trabalho, no campo e em casa. Do trabalho conjugado produzia-se para o consumo o milho, o arroz, o feijão, os legumes, as verduras e as frutas. O milho transformado em farinha, o arroz socado no pilão, e todas as elaborações necessárias no preparo dos produtos alimentícios.

Ela se lembrou de que ao lado das plantações, do manejo dos monjolos e dos fornos da preparação dos cereais fazia-se a criação de porcos e galinhas, tornando variada a mesa diária para se atravessar o ano. Comprados fora do núcleo produtivo somente o sal e o querosene, obtidos no armazém sortido dos secos e molhados. Daqueles armazéns que tudo continham, hoje representados sofisticadamente nos supermercados e centros de compras, os decantados templos consumistas – os shopping centers cheios de supérfluos.

Mas lá na serra mineira, nos morros do sistema Mantiqueira, a família vivia na tranquilidade diária de ir para a "roça", logo de madrugada, ainda sem o nascimento do sol, almoçar às 7 horas, tomar café às 12 e retornar a casa às 16 horas. Sempre trabalhando.

Cozinhava-se no fogão-a-lenha feito de barro, com um "buraco central" onde os panelões e caldeirões, sempre de ferro, eram colocados para produzir um alimento sadio e saboroso, do qual Dona Conceição alega ter saudades. Nomeia e especifica os tipos de comida.

Depois do trabalho diário, dormir logo ao anoitecer, mas nos fins de semana os jovens gostavam de dançar. Os bailes, em casas de família, ao som das sanfonas, e as danças no chão de terra batida. Os olhos de minha interlocutora emitem então um brilho especial. O rosto delicado e bonito permite rever a jovem cheia de vida sonhando seu futuro, enquanto namorava a distância, sempre vigiada pelo irmão. Até que o namorado pudesse ir à casa da família, o que fez, segundo ela, 4 vezes em um ano e meio, sempre ela na cozinha e ele na sala em presença dos pais e irmãos. Tudo muito organizado e sob controle. Marcado o casamento, que se realizou em 1946, lá foi Dona Conceição com a família, a pé, para Delfim Moreira, onde a igreja tinha o padre para oficiar o ato sacramental. Sete léguas de distância, o vestido de noiva em uma malinha carregada por ela. E a volta, já casada, ainda a pé, para a residência nupcial, com a tarimba (cama tradicional), o colchão de palha e três tamboretes esculpidos em madeira, presente do padrinho.

Eram tempos de poucos móveis, tudo muito rústico e um enxoval reduzido. Talheres que enferrujavam exigindo limpeza vigorosa. Roupas eram apenas duas variações de troca, sempre uma em uso, e a outra sendo lavada. Simplicidade maior, impossível. Esta foi a história pessoal contada com gosto por minha amiga, já agora como se amiga fosse, de longo tempo, a rememorar prazerosamente os idos e vividos.

Lembrou-se das idas às missas dominicais, saindo a pé de casa para Delfim Moreira. Saía-se de madrugada para se conseguir chegar à missa das 10 horas e retornar – o total das 14 léguas (7 da ida e 7 da volta). Para os jovens, o cansaço não pesava. Atravessar o campo sob sol, chuva e frio, pisando descalços na relva das trilhas dos caminhantes era, para aquelas pessoas, o que havia de mais natural. Sadios e felizes, descobrindo sempre as belezas e os elementos da paisagem, integrados ao cotidiano rústico.

Dona Conceição, saudosa, lembra tudo com muito carinho, o sorriso afável e nenhum lamento pela vida de muito trabalho. Lembra-se de que durante a Semana Santa, na Sexta-Feira, a caminhada para Delfim Moreira era a partir da uma da tarde para as cerimônias, e a volta, à noite de lua plena e muitas estrelas no céu. Percorridas as 14 léguas da ida e volta em compunção e penitência. O frio para enrijecer, na liberdade dos movimentos da labuta diária, atravessando rios e córregos para buscar a água de todas as necessidades. Beber, cozinhar, lavar roupas, tomar banho. Água limpinha, diz ela. Além do jejum mantido na quinta e sexta-feira santas, com apenas a refeição do meio do dia e os limites preceituais do catolicismo de tradição bem observados.

Desfiando as tramas desse belo memorial, ela me falava dos plantios e colheitas, da abertura das covas para as sementes, dos frutos sazonados, da fertilidade e da variedade dos produtos obtidos. Com que orgulho ela se referiu aos tomates, às abóboras, às espigas do milho e do arroz, às variedades do feijão – o miúdo da quaresma, e mais às aves e aos bichos em geral. Lembrou-se da mata e das onças e das cobras, que ela, familiares e conhecidos sabiam evitar.

O relógio da faina diária era a posição solar – ao meio dia, em incidência direta sobre um corpo não projetava sombra. Conhecimento da vida prática.

Ah, a casa feita pela própria família no trabalho conjunto, paredes de barro socado, recobertas de tabatinga, bem limpas, teto de coberta de sapé – que não forma goteiras, chão de terra batida e temperatura interna sempre agradável.

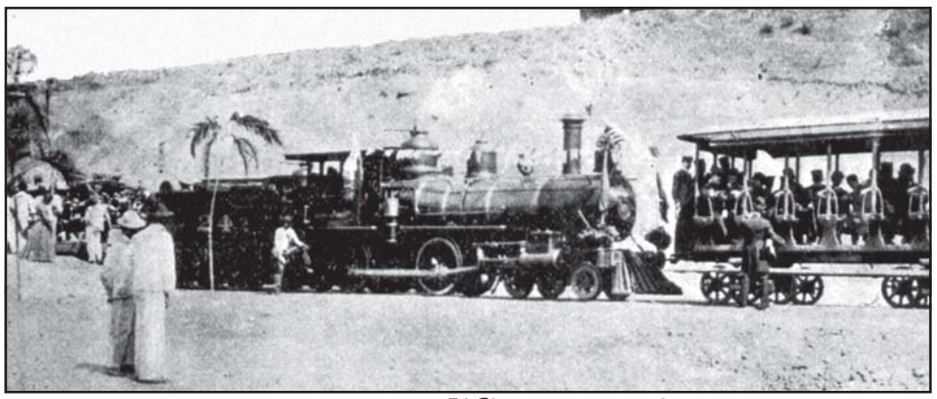
Realmente, já li em publicação especializada que as casas de pau-a-pique e barro socados são as mais agradáveis, além de resistentes.

No mais, o longo comentário de Dona Conceição é um bonito relicário da vida rústica dos que realizavam a economia de subsistência em equilíbrio com o meio ambiente. O aumento da população e o chamado processo civilizatório alteraram essas relações, e o que temos hoje é um substancioso cabedal de processos degradativos.

A natureza saudável de Dona Conceição nos seus 82 anos é, portanto, um testemunho notável dos bens dados pelo equilíbrio sustentável, antes de seu reconhecimento científico hoje preconizado como de vital necessidade.

Dóli de Castro Ferreira

De uma agradável conversa com a narradora, Dona Conceição, em Piquete, a 8 de abril de 2009.



O trem que modificou a paisagem

Dóli de Castro Ferreira

A notícia alvissareira da instalação de uma fábrica de pólvoras na cidade de Piquete agitava os espíritos no início do século XX. Estudos feitos para a implantação do estabelecimento fabril seguiam-se das observações metodológicas do funcionamento, produção e escoamento, ou seja, da entrada e saída de materiais. Núcleo pouco desenvolvido, derivado dos caminhos dos transportes por muares, Piquete era, no sopé da Mantiqueira, uma proposta de meio ecológico favorável, pela abundância de matas e águas, mas também um problema a ser resolvido sobre o relevo movimentado que a caracterizava.

As ferrovias estavam em pauta no setor dos transportes – a Estrada de Ferro Central do Brasil fora implantada e conjugada pelas duas pontas: Rio de Janeiro, capital federal, e São Paulo, capital estadual.

Um ramal ferroviário para Piquete era aventado para transporte de passageiros e cargas interconectando a Fábrica de Pólvoras e Lorena, ponto de acesso à citada E.F.Central do Brasil. Assim os políticos e militares conjugados ao planejamento e execução dos edifícios da nova fábrica em perspectiva se organizarem para a instalação das estações ferroviárias que, ligadas ao ramal, seriam os pontos de acolhimento e destino de passageiros, e da carga e descarga das mercadorias.

No ano de 1906, quando Rodrigues Alves estava completando seu quadriênio na presidência da República, o Ministro da Guerra, Marechal Argollo, em viagem inaugural da ramificação férrea também inaugura nesse ato a Estação Ferroviária Rodrigues Alves, marco de uma nova era para Piquete. A ideia republicana de progresso efetivava-se, dessa forma, para concretizar a fórmula que originou a posteriormente inaugurada Fábrica de Pólvora sem Fumaça (15/09/1909).

Animou-se a população piquetense, cuja produção se baseava em mercadorias de abastecimento, principalmente o café.

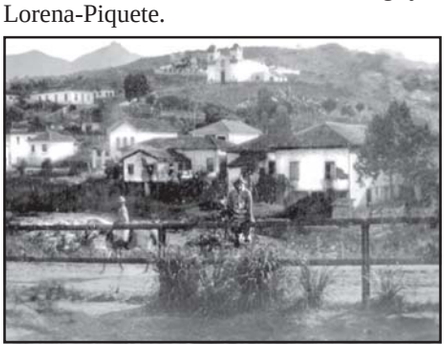
A industrialização apontada pela produção de pólvora insuflava na pequena cidade um símbolo desejado pelos seus habitantes e construtores da autonomia política conseguida anos anteriores (1891) – o da autoafirmação político-econômica.

A chegada do trem no ramal férreo marcava uma mudança expressiva na paisagem e a agitação de passageiros e cargas construía uma feição de modernidade.

Por sua vez, o projeto da ferrovia estava expandido para, possivelmente, chegar até Itajubá, em Minas Gerais. É o que relata Pedro Bernardo Guimarães em "O Município de Itajubá, Notícia Descritiva", em setembro de 1915. Segundo esse autor, três possibilidades de escolha para a realização desse projeto se propunham: **a)** pela Garganta do Registro, por onde passa a estrada, antigo caminho que vai a Itajubá, na cota de 1.425m; **b)** pela Garganta da Boa Vista, três quilômetros à direita dessa posição, na cota de 1.465m; e **c)** pela Garganta do Meia-Lua, a 41 quilômetros daquela, na cota de 1.350m.

Foi incumbido da obra o engenheiro J.Clemente Gomes, que preferiu a primeira proposição, a qual, embora a mais alta, era a que mais encurtava o trajeto. O total era de 64,8km, a ser atingido entre a estação da Estrela do Norte e a cidade de Itajubá. A estação da Estrela do Norte teve sua implantação em seguida à referida Rodrigues Alves. Enquanto esta está ligada ao núcleo urbano original de Piquete, frente à Matriz de São Miguel (núcleo histórico), aquela liga-se à vila militar da Estrela do Norte, construída para residência dos militares e técnicos graduados da Fábrica. Segundo o autor dessa referência, entre os engenheiros convocados para o projeto estava Theodoro Sampaio. Tal ferrovia seguiria na serra os vales dos rios Ataque, Tijuco Preto, da Onça e Manchado para chegar à Soledade de Itajubá e, depois, à cidade de Itajubá.

Mas o projeto acabou não se concretizando. O ramal conservou a ligação Lorena-Piquete.



A Revolução de 1932

No último dia 8 de julho, véspera da data em que se comemora a Revolução Constitucionalista de 1932, Piquete recebeu uma caravana proveniente da cidade de Rubineia, composta por quinze pessoas, que participava da 4ª Caminhada de 9 de Julho. Esse grupo partiu a pé daquela cidade, no dia 4 de junho, em direção a Cruzeiro, passando por diversos municípios.

Em Piquete, no dia 8, pela manhã, aconteceu uma cerimônia na Praça 9 de Julho com hasteamento da bandeira. Em Cruzeiro, já no dia 9, ocorreu um desfile cívico, com a presença de alunos de escolas públicas, soldados e a banda do 5º RI, de Lorena. Entre as autoridades, esteve presente o capitão Gino Strufalldi, presidente da Sociedade Veteranos de 32 - MMDC.

Foram mais de 900km de caminhada, cruzando o estado de São Paulo. Em cada cidade por onde passou a caravana houve solenidades cívicas. O final, em Cruzeiro, deve-se ao fato de ter sido lá que aconteceu, no dia 2 de outubro de 1932, a assinatura do armistício que encerrou este conflito armado que enlutou o Brasil.

A Revolução de 1932 é considerada a maior ação militar do país. É de grande importância para o estado de São Paulo. Nesse conflito, São Paulo pegou em armas contra o governo provisório de Getúlio Vargas, visando a trazer a normalidade constitucional ao país.

A Revolução eclodiu na noite de 9 de julho de 1932 e espalhou-se por todo o estado. Piquete foi palco de vários acontecimentos históricos. Sua localização geográfica e o fato de sediar a Fábrica de Pólvora sem Fumaça fizeram com que, no dia 11 de julho, a cidade fosse tomada por tropas constituintes. O diretor da Fábrica e seus oficiais, que se mantiveram fiéis ao governo federal, foram presos, sob palavra, em seus domicílios. Dias depois, a Fábrica seria assumida pelo governo revolucionário. Operários e a população se fraternizaram com as forças paulistas e muitos pegaram em armas. A população, assustada, assistia à chegada das tropas. Muitos se refugiaram na zona rural. Alguns pelotões se posicionaram em trincheiras espalhadas pela Serra. Foi montada no município uma grande frente de defesa, que se estendia do Focinho do Cão aos Marins.

A superioridade das tropas federais, em homens e munição, e a falta de apoio dos demais estados fizeram com que ocorresse retraimento da frente norte, a partir do dia 13 de setembro, com a evacuação de linhas estratégicas. No dia 14 ocorreu a evacuação da Fábrica de Pólvoras e grande parte dos operários e seus familiares seguiram foi para a capital do estado.

Por 82 dias os soldados defenderam os ideais constitucionalistas, recuando até São Paulo. Apesar da derrota militar, São Paulo e o Brasil saíram vencedores. Em maio de 1933, o governo federal convocou a Assembléia Constituinte. Valera a Revolução.

Esse episódio da história doBrasil, do qual Piquete participou diretamente, deve ser rememorado sempre. É uma pena que, nas escolas, pouco ou quase nada se fale desse conflito. Rememorar é a melhor maneira para não se esquecer.

Crônicas Pitorescas

O ladrão de carros

Palmyro Masiero

Um velho amigo, aforista por excelência, sempre dizia: "Quanto mais se aperta, mais se desperta!" Se isso é criação sua, desconheço. Mas concordo com os dois ditos: o amigo e o aforismo. No arrocho, a mente fica mais vigorosa, mais criativa.

O herói desta estória não era um "puxador" na erudita gíria policial. Poderíamos encaixá-lo lá dentro do adágio como um vivaldino ou mais realisticamente taxá-lo de gozador. E ainda, se quiserem, um grandissíssimo cara-de-pau.

Ele trabalhava em uma grande indústria produtora de uma série enorme de produtos. Neste complexo industrial, além das oficinas geradoras dos produtos comerciais, havia as de manutenção, embalagem e outras. O nosso camaradinha trabalhava na carpintaria...

Nesta fábrica, quando os operários se retiravam, após o término do expediente, no seu portão de saída processava-se revista geral em todos os trabalhadores. A justificativa era que sempre havia alguém querendo aumentar sua renda familiar fazendo concorrência com ela na venda de seus próprios produtos, e, diga-se, sem que o pessoal do serviço comercial soubesse da baixa das mercadorias. Como era alto o número de artigos oferecidos ao mercado, a lista de "gatos" era também muito variada.

Mas, voltando ao nosso homem, dirigindo-se um dia ao gerente da firma, apelou para a teoria dos contrastes: ser pobre de dinheiro e rico de filhos. Num argumento desleal (pela ausência) aos escritores de novela, solicitou, na base da lamúria, uma permissão para, diariamente, descer da fábrica com seu carrinho de madeira carregado de sobras da carpintaria. Economizaria lenha, pois não podia dar-se ao luxo de possuir um fogão a gás. O gerente, nada vendo naquilo algo que fugisse às regras do jogo, anuiu, coisa raríssima, poderão pensar – no que concordo –, mas a permissão realmente saiu.

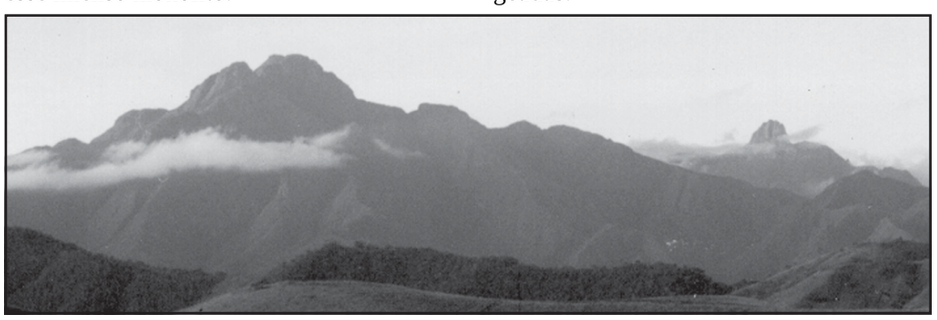
É importante deixar bem claro que todos os dias o carrinho era revistado quando passava pelo portão de saída, mas sempre só se encontrou o permitido pela permissão: gravetos e lascas de madeira. De segunda a sexta-feira, à tarde, lá vinha o homem com seu indefectível carrinho. E lhes digo: isso durou tanto, que ele passou a ser conhecido como o "homem do carrinho".

Muito justificadamente agora perguntarão: "Por que o título desta estória?" E eu responderei: – Ele nunca ia trabalhar levando o carrinho. Como seu serviço era na carpintaria, como já é do conhecimento de todos, diariamente, à hora do almoço, ele construía um que, à tarde, descia sem contratempos. Muito tempo teve sua renda aumentada com a venda de carrinhos de madeira, produto, aliás, não catalogado no serviço comercial da fábrica.

É inverno na Mantiqueira

O montanhoso município de Piquete tem como principais atrativos suas paisagens. São inúmeras e diferentes. A localização e a geografia locais concorrem para que ela se diferencie das demais cidades valeparaibanas. É na zona rural que se encontram os principais atrativos. A Mata Atlântica, que cobre as encostas da Serra e fundos de vales, seduz os apaixonados pela natureza. Sua biodiversidade de fauna e flora é, comprovadamente, uma das maiores da região. Isso graças ao trabalho constante de vigilância da FPV. No bairro dos Marins e no Mundo Novo, a altitude dos picos, principalmente o dos Marins, causam espanto pela beleza, solidez e o matizado com que, nas diferentes horas do dia, colore esse imenso monólito.

Para quem busca sossego e clima ameno de montanha, o período de inverno é ideal para passeios e escaladas nos inúmeros picos da Mantiqueira. Uma conversa ao pé do fogo, ouvindo-se causos e saboreando diferentes quitutes. A conquista do Pico dos Marins, a 2422m, é um prêmio para os olhos. Do alto, descortina-se quase todo o Vale do Paraíba e grande parte do planalto sul-mineiro, que se desdobra em colinas. Do lado paulista, o Paraíba, que dá nome ao vale, corre tranquilo, sinuoso, cheio de histórias. A melhor temporada para escalada dos Marins é no inverno. No verão chove muito. Entre os meses de maio e setembro chove menos, mas o frio é intenso: comumente atinge temperaturas negativas, com fortes geadas.



Verdes campos...

Edival da Silva Castro

Cresci ouvindo coisas da fazenda dos Marins. Papai nasceu e foi criado lá. Meus avós traziam a fazenda a contento: um grande curral onde as vacas eram ordenhadas, uma fabriqueta de queijo de onde o soro escorria por uma valeta revestida de pedras que atravessava o pátio e ia até os chiqueirões; uma casa grande rodeada de araucárias, tulha abarrotada de feijão e milho, produtos da lavoura, galináceos e uma égua baia que vovô montava para fazer compras nas vendas da Vila Vieira.

A atração turística do lugar sempre fora o Pico dos Marins, com seus 2.422m de altitude. De muito longe, dava para ver seu ponto culminante que, às vezes, se matizava com as sombras das nuvens.

Do pátio da fazenda, numa visão exuberante avistava-se um grotão numa depressão funda entre montanhas. Quebravam a quietude do lugar os pios e os cantos dos pássaros vindos de lá.

Tudo isso ouvi com muita curiosidade. Até que, certa vez, ainda menino, levaram-me para conhecer a fazenda. Foi a primeira vez que tinha pegado a estrada do Itabaquara. Caminho carroçável, poeirento e de curvas acentuadas. Já no bairro dos Marins paramos defronte à igrejinha, eu, o papai e o Zito, meu irmão. Descemos do táxi e fomos conhecê-la. Após, entramos num bar ao lado para tomar água. Lá de cima dava para avistar, entre pedras, a descida abrupta do rio Itabaquara. Tudo aquilo para mim era grande, majestoso, incomparável. O verde do vale tomava conta dos meus olhos.

Ao desembarcar no pátio da fazenda, a primeira coisa que reparei foi a valeta que levava o soro aos chiqueirões. Achava-se seca e as pedras despregadas. As araucárias ainda circundavam a casa grande, porém notava-se que algumas, já envelhecidas, traziam o verde mesclado ao castanho. A pessoa que nos recebeu chamou meu pai de tio, abraçou forte meu irmão e disse que não me conhecia. Não liguei muito, queria mesmo ver tudo "in loco", poder tocar nas coisas. O curral e os chiqueirões estavam ainda por lá, apesar de desativados; a fabriqueta de queijo não existia mais, tampouco a tulha. Ouvi, atento, os pios e os cantos dos pássaros vindos do grotão. De repente, olhei para o pico e me senti pequeno. Nuvens brancas e espessas o abraçavam.

Na hora do café pude conhecer o interior da casa grande. Uma enorme sala com móveis coloniais, tendo na parede, acima duma cristaleira, o retrato dos meus avós. Janelões devassavam o recinto. Contíguo aos quartos, a cozinha, onde a mesa encontrava-se arrumada para o café. Local aquecido por fogão a lenha. O fogo ardia. O bule e algumas panelas encontravam-se sobre a chapa, e no forno, o bolo de fubá ainda cozia.

Na volta vim reparando nos verdes campos do lugar, vastos e calmos, onde as seriemas riem à toa.

Balanço de Carbono

Thiago Santos

Atualmente, um dos maiores desafios da humanidade é minimizar o aumento da temperatura média da Terra.

A temperatura do globo e o clima estão intrinsecamente ligados. Concorre para isso a luz solar, que interage com a superfície terrestre e a aquece. A quantidade de luz que chega à atmosfera não é distribuída uniformemente: a região equatorial recebe mais energia solar do que os pólos. Isso faz com que os pólos tendam a ser frios e a região equatorial quente. Essa diferença de temperatura entre os Pólos e o Equador é a responsável pela formação dos ventos e das correntes marítimas. O sentido e a direção dos ventos formam a Circulação Geral da Atmosfera. É ela que define os locais de formação de desertos e de regiões de florestas, pois os ventos e as correntes marítimas, juntos, são responsáveis pelo transporte de umidade dos oceanos para os continentes.

Caso a temperatura do globo aumente, a circulação geral da atmosfera será alterada e mudanças climáticas serão inevitáveis. A Ciência tenta compreender a magnitude dos efeitos climáticos, que poderão ocorrer a curto e longo prazo. A Terra já passou por outros aquecimentos globais, processos que demoraram milhares de anos para acontecer. O preocupante é que nos últimos dois séculos a temperatura média do globo vem aumentando. Antecipamos, e muito, o próximo aquecimento global. Cientistas de várias partes do mundo criaram programas computacionais que simulam o funcionamento do clima da Terra e descobriram que as ações humanas são as responsáveis pela antecipação do aquecimento global.

A causa desse problema está no balanço de carbono - quantidade emitida menos a sequestrada. Na atmosfera existem alguns gases que funcionam como cobertores e não deixam que a Terra se resfrie. Sem esses gases sua temperatura média seria de -18°C. A vida humana não existiria. Nosso modo de vida tem produzido muitos gases de efeito estufa. Estamos colocando mais cobertores na Terra. Para contabilizar a quantidade emitida desses gases é preciso conhecer seu poder de manutenção da temperatura da Terra e comparar com o do carbono; assim teremos a quantidade de gases medida em carbono equivalente. Poderemos, então, calcular o balanço de carbono. Atualmente estamos emitindo mais carbono na atmosfera do que o planeta consegue sequestrar.

As cartas, a história... o Estafeta

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Iniciei a leitura de um livro sobre a vida de Vincent Van Gogh (1853/1890), famoso pintor holandês. A leitura me fez conhecer um homem inteligente, culto, sensível, apaixonado e desprendido; mudou a impressão que eu tinha sobre o artista. O obra narra a curta trajetória do autor de pinturas hoje avaliadas em milhões de dólares por meio da análise de parte de suas cartas ao irmão Theodore Van Gogh. Vincent – é assim que ele era tratado – desenvolveu ao longo dos anos uma forte ligação com o irmão mais novo. A vasta correspondência entre os dois foi preservada e publicada, trazendo a público inúmeros detalhes da vida e da personalidade do pintor. Impressionam as descrições de paisagens, telas de diversos autores, situações simples como uma refeição, uma mesa de um bistrô, caminhos e ambientes como seu quarto. Por meio de suas palavras vislumbra-se uma pintura de Vermeer, outro holandês, por exemplo. É enriquecedor ler o detalhamento e imaginar a pintura. Em seguida, com a ajuda da internet, após o exercício mental, acessar qualquer museu e observar a tela é fantástico... Constata-se, então, a genialidade de Vincent Van Gogh, pois fica patente sua capacidade de transmitir detalhes quando se conclui que a imagem mentalizada a partir da leitura é exatamente a da pintura. Se não fossem as cartas...

Todos conhecemos a fama de galanteador de D. Pedro II. Afinal, são vários os relatos sobre suas investidas amorosas, reproduzidas em filmes e séries de TV. Ao lermos cartas e diários da Condessa de Barral, companheira inseparável do Imperador por anos, invadimos sua privadicidade... Igualmente apaixonados eram os escultores franceses Auguste Rodin e Camille Claudel, cujo amor ficou explícito em apaixonadas cartas: "O respeito que tenho por seu caráter, por você, minha Camille, é uma causa de minha violenta paixão. Não me trate impiedosamente, eu te peço tão pouco"... Uma das mais famosas relações entre pai e filha é conhecida por meio da correspondência trocada durante 34 anos por Sigmund Freud e Anna Freud, caçula de seus seis filhos, e única a seguir seus passos profissionalmente.

Desembarcando no Brasil-brasileiro, Carlos Drummond de Andrade e os modernistas Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Manuel Bandeira têm boa parte de suas vidas narradas por meio de suas correspondências... Guimarães Rosa trocou inúmeras cartas com suas netas e também com seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason... Caio Fernando de Abreu vem sendo tema de teses e suas cartas abastecem os pesquisadores... Chegamos a Piquete: Yeyé Masiero foi um grande "escrevedor" de cartas, Dóli de Castro envia suas impressões sobre diversos temas nas "Cartas ao Leitor" e encaminha seus trabalhos em delicados bilhetes destinados ao primo Chico Máximo; os Vieira sempre trocaram cartas com dr. Antônio Carlos; O professor José Leite de Sousa e Wanderley Sardinha são leitores do Estafeta que sempre mandaram cartas ao editor... Célia Ap. da Rosa escreveu cartas e bilhetes até o último momento...

A correspondência oferece um painel da cultura da época em que foi escrita. É um registro, uma fonte fiel de informações. A importância do resgate de correspondências está aí. Como faremos daqui a cinquenta anos? Terão sido arquivados os emails trocados entre futuros grandes escritores? Como avaliar o que pensava um músico que, à exceção das letras de suas canções, escreveu apenas no MSN ou no Twitter?

Já citei neste Informativo o prazer que sinto ao receber uma carta. A seda tocada pelos dedos e meticulosamente dobrada "não tem preço". A tecnologia, porém, está aí para nos aproximar e é bem-vinda, sem dúvida. Alguém imagina o mundo sem a internet? Como faria "O Estafeta" sem ela? Sim... Até "O Estafeta"... No seu número 01, os textos chegavam manuscritos, ditados pelo telefone... Hoje, 150 edições depois, temos um artigo de Laura Chaves, por exemplo, que mora no Sul do Brasil, em minutos. Mas ele está aí: suas páginas, assim como as correspondências de Van Gogh, de Rodin, dos vanguardistas de 22 registram uma época, o pensamento de seus articulistas, os fatos e a História de Piquete. Que venham outros 150!

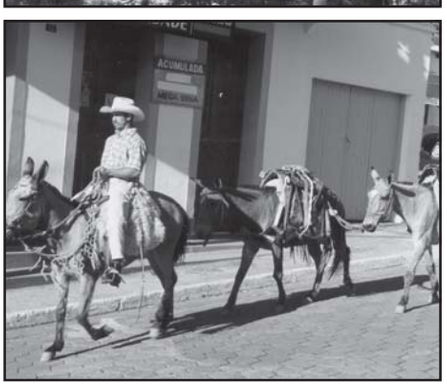
Com carinho, em 18/07/09!

Reprodução

Fotos arquivo Pró-Memória

28ª Festa do Tropeiro de Piquete

Nos últimos anos, muito vem-se falando e escrevendo sobre Estrada Real. Objetiva-se, com isso, revitalizar e valorizar os patrimônios histórico-arquitetônico e ambiental localizados às suas margens como produto turístico. Resgata-se, assim, um importante momento histórico do país – o ciclo do ouro. Poucos sabem que o caminho aberto em 1741, partindo da paragem do Campinho, à margem esquerda do Paraíba, em Lorena,cortando o atual município de Piquete em direção às minas de Itajubá, hoje Delfim Moreira, tornou-se um descaminho do ouro. Isso levou o governador da Capitania de Minas, Luiz Diogo Lobo da Silva, a instalar, em 1764, na vertente paulista da Mantiqueira um posto de fiscalização e uma guarda. Esse ato oficializou o caminho aberto por Lázaro Fernandes como um Caminho Real. Por ele escoava grande parte da produção sul-mineira para o Vale do Paraíba e os portos de Mambucaba e Paraty. Por dois séculos ele foi percorrido por inúmeras tropas de mulas. O trânsito difícil dessa estrada realça o papel heróico dos tropeiros que, na sua humildade, eram o sustentáculo da economia regional. Nós os visualizamos viajando nas primeiras horas do dia, cuidando dos seus animais, preocupando-se com a carga, fazendo sua própria comida, dormindo nos ranchos, enfrentando a chuva e o frio na serra, a poeira, os atoleiros. Homens de honra e de confiança, nunca será demais exaltar seu trabalho. Assim, há 28 anos, Piquete reverencia esse herói nacional, o tropeiro. É preciso que o tropeirismo seja valorizado, resgatado e divulgado nas escolas. O ciclo do muar na história nacional é um episódio fundamental de nosso desenvolvimento econômico e cultural. Somos herdeiros da cultura tropeira. Em Piquete, em nossa zona rural ainda encontramos, no trabalho do dia-a-dia, burros cargueiros e carros-de-boi cantantes, rangentes e morosos, colorindo nossa paisagem. A culinária, as estórias e o artesanato precisam ser conhecidos e valorizados. A cultura tropeira é um capítulo da história de Piquete. Está em nossas raízes. A cidade surgiu e desenvolveu-se com os tropeiros, sonorizada pelos cincerros das mulas.



Aleluia por um Querub Serafim

Abigayl Lea da Silva

Terminou sua trajetória de luz o maestro Sílvio Barbato. Cinqüenta anos que somaram o querubim – conhecimento – ao serafim – amor.

Conhecimento que percorreu todas as possibilidades da regência e da composição; que se dedicou à boa música tanto erudita, quanto popular.

Amor que estimulou a infância e a juventude brasileiras de norte a sul; que atraiu jovens e talentosos maestros que acordaram nossos moços para as notas musicais e para as notas escolares.

Em vez de réquiem, aleluia!

Uma vida como esta não tem ponto final. Não termina com um mergulho de um avião no Atlântico.

Depois da queda, tudo se calou, as luzes se apagaram.

Mas a música de Sílvio Barbato está mais vigorosa do que nunca. As luzes que ele acendeu na vontade de seus pares e patrocinadores, o brilho que implantou no cérebro e nos corações dos jovens crescem mais e mais.

Vida longa ao Sesc Sinfonia! Vida longa a tudo e a todos que disseram amém aos sonhos de Sílvio Barbato!

Não vamos pensar na carreira encerrada. Consideremos a chama propagada.

Não lamentemos a obra abortada. Apreciemos a arte materializada.

Não digamos que o edifício ficou incompleto. Verifiquemos: o gazofiláceo das virtudes está repleto.

Aleluia, Sílvio Barbato!

Um novo jornal para Piquete

A comunidade piquetense em breve será presenteada com mais um periódico. Trata-se de "Retrato do Vale", jornal de circulação mensal, em formato tabloide, que trará notícias de Piquete e do Vale do Paraíba. À frente dessa empreitada cultural está o jovem jornalista e escritor formado pela Faculdades Integradas Teresa Ávila (FATEA), Rodrigo Nunes Godoy. Idealista e empreendedor, ele está muito entusiasmado e confiante no sucesso desse trabalho. A redação de "O Estafeta" parabeniza-o desejando-lhe êxito nessa jornada.